

O NORDESTINO MIGRANTE EM TERRITÓRIO VIRTUAL: POSSIBILIDADES DE ALTERIDADE PELA PRESENÇA DA LITERATURA DE CORDEL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Tatiana Martins Montenegro¹

Rogério de Souza Sergio Ferreira²

RESUMO: O artigo apresenta um recorte da trajetória do sujeito nordestino que migrou para o Sudeste do Brasil na segunda metade do século XX. Por meio de uma revisão de literatura, o artigo discorre sobre os conflitos identitários que o nordestino se deparou ao residir em uma localidade com povos de uma cultura distinta, como isso se refletiu nas suas manifestações artísticas e literárias e de que forma no século XXI, utiliza as tecnologias da informação e comunicação para preservar e compartilhar a tradição da literatura de cordel em prol da alteridade.

Palavras-chave: Nordeste Migrante; Cordel; Alteridade; Ciberespaço.

ABSTRACT: The article presents an outline of the trajectory of the Northeasterner who migrated to the Southeast of Brazil in the second half of the 20th century. Through a literature review, the article discusses about the identity conflicts that the Northeasterner faced when living in a locality with people from a different culture; how this was reflected in their artistic and literary manifestations; and how in the 21st century, the use of information and communication technologies helped preserve and share the tradition of cordel literature in favor of otherness.

Keywords: Nordeste Migrante; Cordel; Alterity; Cyberspace.

Introdução

O século XX foi caracterizado por transformações sociais, culturais, econômicas e tecnológicas que afetaram direta ou indiretamente a população mundial. A globalização iniciada neste período tornou-se um processo contínuo que permitiu a aproximação dos povos. Inúmeros grupos foram se formando ao longo da história, desenvolvendo seus próprios costumes, linguagens e políticas e esses mesmos grupos, devido ao avanço das tecnologias de comunicação e transportes, passaram a conviver efetivamente.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Professora do curso de Comunicação Social no Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora.

² Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutor na Universidade da Califórnia. Professor Associado na Faculdade de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Fenômenos sociais positivos e negativos ocorrem quando povos de culturas distintas ocupam um mesmo ambiente. O estranhamento, o preconceito e uma possível dissolução das tradições são vistas por determinadas correntes como consequências da globalização, entretanto, há quem defenda a importância da heterogeneidade e da miscigenação ocasionada por esses encontros. A colisão entre povos distintos é um fato que não se restringe a países e continentes diferentes, podendo acontecer dentro de uma mesma nação. O Brasil, devido à sua dimensão e aos seus antecedentes histórico-coloniais, tornou-se multicultural e, portanto, passível de choques entre as tradições.

Em meados do século XX, uma parte considerável da população nordestina migrou para as principais capitais do Sudeste do país em busca de uma melhor qualidade de vida, uma vez que a região Nordeste apresentava índices inferiores de educação, saúde e oportunidades de trabalho, além de questões climatológicas como a seca. A transformação de vida dos sujeitos migrantes, no entanto, foi um processo complexo, pois se depararam com diferenças nos costumes locais, seja na alimentação, no letramento ou nas artes. Muitos nativos do Sudeste, por sua vez, receberam os nordestinos com baixa hospitalidade e os julgaram devido ao choque cultural, o que resultou na construção de um estereótipo.

Além dos conflitos identitários entre os povos, os migrantes ainda tinham o desafio de preservar a tradição nordestina que é carregada de personalidade. Para isso utilizavam instrumentos artísticos e culturais trazidos da região, como a literatura de cordel, que são folhetos com histórias de vivências e mitos locais traduzidos em versos e vendidos a preços baixos nas feiras. Para o poeta de cordel, desenvolver a obra é uma das formas de sustentar as tradições e expressar suas experiências e sentimentos. No caso do leitor, o folheto torna-se uma ferramenta de compreensão das tradições de populações distintas, contribuindo no processo de alteridade.

A partir do século XXI, devido à intensa e crescente utilização da internet, tornou-se acessível conhecer com mais profundidade as características das regiões e nações acerca do globo, fator que pode minimizar os choques culturais por meio do entendimento da identidade do outro, além de ser um espaço para o armazenamento de produções artísticas e literárias. O sujeito nordestino, que possui a migração como um marco histórico relevante, hoje se permite migrar para os ambientes virtuais e apresentar a sua cultura por meio de diversos canais de

comunicação. Deste modo, o presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, busca refletir sobre a literatura de cordel como uma estratégia de preservação e alteridade pela utilização dos espaços digitais e pensar nas relações existentes entre a migração geográfica e virtual do sujeito nordestino.

1. O sujeito migrante contemporâneo: conflitos identitários e sociais em tempos de globalização

A contemporaneidade é um termo que delimita o sujeito na linha do tempo. Demarcar o surgimento do período contemporâneo, na visão de teóricos como Pucheu (2014) é tarefa complexa. De acordo com o autor não há como estabelecer historicamente o momento atual, situando-o em presente, ou futuro, uma vez que o agora e o amanhã são cercados por incertezas. O tempo em que se vive hoje, para o autor, é hesitante, enigmático, aberto e distante de qualquer estabilidade, o que o impede de ser demarcado historicamente.

Para Hall (2006), um dos efeitos da contemporaneidade é a fragmentação do sujeito, que deixa de ser visto como um ser unificado e passa a ser formado de uma multiplicidade de identidades. Em outras palavras, com o passar dos anos, em decorrência dos deslocamentos, da globalização, do hibridismo de culturas, gêneros e classes sociais, o indivíduo contemporâneo torna-se resultado de toda essa mistura. O autor, no entanto, esclarece que o processo não é compreendido facilmente e em totalidade pelo ser, gerando no mesmo o que ele denomina como “crise de identidade” (p.09). Canclini (2003, p.23) compartilha o mesmo pensamento e complementa: “esses processos incessantes, variados de hibridação levam a relativizar a noção de identidade”.

Uma das características sobressalentes do sujeito moderno passa a ser, portanto, a desordem gerada sobre si mesmo, uma sensação de desnorteio na multidão. “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2006, p.21). Um dos fatores que despertam sua identidade e provocam o reencontro do indivíduo, isto é, quando ele se sente mais situado e confortável é, segundo o autor, o sentimento de nacionalidade.

Hall, no entanto, esclarece que para um indivíduo se sentir pertencido a uma nação, não precisa necessariamente ter nascido no local. Isso porque o sentido de nação é capaz de ser simbólico e “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p.30). O sentimento de pertencimento a uma nação, segundo o autor, provoca ainda no indivíduo contemporâneo o desejo de manter-se leal a esta terra, defendendo-a sempre que necessário, persistindo nas tradições locais e temendo a desterritorialização, que, de acordo com Rocha, se trata da “perda ou o afrouxamento das relações de vínculo e identificação de um sujeito com um lugar específico” (2012, p.03).

Visto que o mundo de hoje encontra-se cada vez mais globalizado, que a relação espaço-tempo encontra-se diluída e que a facilidade dos deslocamentos geográficos e culturais trata-se de uma realidade em decorrência do avanço dos meios de comunicação e transportes, as figuras nacionalistas resistentes vislumbram toda essa transformação como uma ameaça à nação e, conseqüentemente, temem à perda das suas identidades nacionais (HALL, 2006).

A era da cultura de massas se inicia retirando os espólios informacionais das mãos da minoria. As informações tornam-se mais disponíveis, podendo ser acessadas de diversas formas e por inúmeros indivíduos. É chegada, então, a era da cultura digital, onde a interação entre seres humanos com seus semelhantes e com máquinas são frequentes. Os receptores deixam de apenas receber as mensagens, passando também a produzi-las e compartilhá-las. É possível denominá-la como a cultura do acesso.

Hall (2006), todavia, salienta que a globalização só seria inteiramente favorável se atingisse de forma igualitária e equilibrada todas as partes do planeta, o que não ocorre nas vias práticas. “[...] a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões. Isto é o que Doreen Massey chama de "geometria do poder" da globalização” (HALL, 2006, p.45). Canclini (2003) concorda e ressalta que a globalização não foi capaz de dissolver as desigualdades na apropriação cultural e simbólica das nações. Estas questões despertam conflitos sociais, biológicos, políticos, econômicos e que resultam numa disputa de territórios entre os povos.

De acordo com Fanon (1979), todo esse desequilíbrio é reflexo dos embates recorrentes entre países de primeiro mundo e os países em desenvolvimento, sobretudo

durante os períodos de colonização e descolonização. As produções científicas do autor africano são fruto das vivências do mesmo frente à militância durante a independência da Argélia. Fanon trazia consigo um pensamento enfático no que diz respeito aos combates entre as nações. Na sua visão, o mundo é dividido entre colonizados e colonizadores, isto é, os ricos e os pobres, respectivamente; a colonização estimula o racismo; a forma mais eficiente dos colonizados enfrentarem os colonizadores e alcançarem a libertação é por meio da violência, tanto física, quanto psicológica (CABAÇO; CHAVES, 2004).

Santos, B. (2007) não vislumbra as agressões como a solução dos problemas, entretanto, acredita que os conflitos entre as nações na atualidade são heranças e retratos da colonização.

O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas. As colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece atualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tal como aconteceu no ciclo colonial (SANTOS, B., 2007, p.10).

Para Boff (2005) o estrangeiro, representante de uma cultura diferente da nacional, na colonização brasileira, sofreu exclusões pela religião e pela descendência africana ou indígena. O sujeito migrante, contudo, não se desloca simplesmente por razões coloniais. Nos dias atuais, as migrações ocorrem em decorrência de motivações políticas, econômicas ou por catástrofes naturais.

As migrações não se limitam ao deslocamento dos povos entre países e podem ocorrer entre Estados de uma mesma nação, como é o caso das migrações dos nordestinos em direção ao Sudeste, como bem indicou Sobral (1993). De acordo com o autor, esse processo migratório é dotado de complexidade, pois, embora estejam no mesmo país, são regiões que possuem culturas distintas e isso faz com que o sujeito migrante se reconheça como tal quando se depara com uma identidade diferente da dele.

A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios – traços socioculturais com os quais os sujeitos se identificam e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro (SOBRAL, 1993, p. 19).

O fato é que este questionamento identitário gera uma tensão entre os povos distintos que pode ocorrer independente do sujeito migrante ser proveniente de uma região, país ou continente. Este conflito é capaz de provocar no nativo inúmeras reações, como preconceito e intolerância, o que destrói as precondições para qualquer hospitalidade, pois, somente reconhecendo a alteridade seria possível construir a proximidade e desenvolver relações de convivência benevolentes.

2. O nordestino migrante

A metade do século XX foi marcada por um relevante deslocamento geográfico de nordestinos em direção à região Sudeste do Brasil. Dentre as motivações, Santos, L. (2010) destaca aspectos econômicos, sociais e políticos. Guillen (2001) acrescenta as secas periódicas como um fator significante. Singer (1973) salienta o problema da desigualdade social existente entre as regiões do país como um estímulo para a migração interna, sobretudo num período de desenvolvimento do setor industrial do Sudeste. Grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro receberam cerca de 1,5 milhões de nordestinos, sendo a maior parte proveniente do campo (SANTOS, L., 2010).

Os migrantes nordestinos trouxeram consigo uma tradição cultural sobressalente, contudo, as principais impressões que transmitiam aos cidadãos metropolitanos estavam atreladas aos aspectos negativos, oriundos do retrocesso e da miséria (GOMES, 2006). Guillen (2001) compartilha deste pensamento e integra:

Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica e social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste/ seca/ migração. Essa construção imaginária "destina" ao homem nordestino a condição e migrante, pobre e flagelado. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em torno do migrante, deslocando as questões para outros campos que não favoreciam o surgimento de uma história social que os incluísse (GUILLEN, 2001, p.03).

As questões colocadas pelos teóricos até aqui citados reforçam a construção de um estereótipo nordestino. Dentre os elementos que dispunham contra esses migrantes enumeram-se ainda a origem racial e o nível de instrução inferior que apresentavam (FONTES, 2008).

Segundo o autor, 60% desses indivíduos não sabiam ler e nem escrever. O caos urbano ocasionado pelo crescimento das cidades, o aumento dos índices de violência e a ocupação de áreas marginais na década de 1960, tornaram-se ainda motivos de rejeição ao nordestino por parte dos nativos do Sudeste.

Embora encontrasse subestimado, o migrante respondia aos acometimentos por meio de suas habilidades operacionais, isto é, apreciando seu engajamento no trabalho (DUARTE, 2010). Para Santos L. (2010) além da mão-de-obra é necessário valorizar os elementos culturais que os nordestinos agregaram aos costumes do Sudeste, transformando a região em um pólo de “sociedades multiculturais” (HALL, 2006, p. 50). Um centro multicultural, desta forma, abriga cidadãos que mantêm tradições diferentes e dividem o mesmo espaço, originando novas expressões culturais.

Para manter os costumes oriundos do Nordeste e não se afastar totalmente de suas raízes, os migrantes passaram a criar pontos de encontro nas metrópoles a fim de sustentar tradições artísticas, gastronômicas e literárias (LUYTEN, 1981). A Feira de São Cristóvão, localizada no Rio de Janeiro e o Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo são o reflexo materializado da preservação cultural nordestina.

De acordo com Sobral (1993, p.19) os “[...] traços socioculturais com os quais os sujeitos se identificam e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo [...] envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro”. Observa-se, portanto, que o percurso migratório do nordestino ao longo do século XX foi constituído de estranhamento por parte dos nativos do Sudeste. Além da necessidade de provar que são seres dotados de habilidades, ainda precisavam conservar suas tradições em meio a uma sociedade cultural distinta.

3. A literatura de cordel como produto da tradição nordestina

O surgimento da literatura de cordel, segundo Andrade (2017), não ocorreu no Brasil e sim na Europa, mais especificamente no período da Idade Média, a partir do advento dos meios de comunicação impressos, desenvolvido por Gutenberg. O material apresentava versões escritas do trovadorismo, antes promovido pela oralidade e foi uma das heranças dos

portugueses monarcas ao se fixarem na colônia, no século XVIII. A propagação desse segmento, contudo, se deu por meio dos jesuítas e foi espontaneamente bem recebido na região do Nordeste, onde se popularizou e adquiriu versões próprias (ANDRADE, 2017).

A literatura de cordel oriunda do Brasil foi difundida pelos cantadores viajantes, que compunham versos em suas passagens pelo interior do Nordeste. Como forma de remuneração, os cantadores vendiam nas feiras os registros dos versos em forma de folhetos, produzidos com material de baixo custo. Os mesmos, de acordo com Andrade (2017) se encontravam expostos por meio de uma sustentação à base de barbantes ou cordas, o que explica a origem da denominação “cordel”. O termo, no entanto, passou a ser utilizado somente na segunda metade do século XX. Anteriormente eram conhecidos simplesmente como folhetos ou versos.

Dentre as características dos cordéis, segundo Andrade (2017) é possível destacar as figuras apresentadas no formato de xilogravuras e o baixo custo tanto para quem produz e vende quanto para quem compra. Ao longo das décadas, as normas para a impressão tornaram-se padronizadas. Dentre elas, Abreu (2006, p.119) afirma que necessita “ser escrito em versos setissílabos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Galvão (2001) discorre que os primeiros folhetos nordestinos foram produzidos no século XIX. A prática teve como um dos seus principais representantes o poeta Leandro Gomes de Barros. Outro nome relevante, segundo a autora, foi João Martins de Athayde, que além de compor, contribuiu para a evolução da produção editorial dos cordéis.

De acordo com Santos L. (2010) a legitimação da literatura de cordel e do poeta enquanto cordelista se deu pela contribuição significativa da pesquisa acadêmica da Fundação Casa de Rui Barbosa, por meio do estudo **Literatura popular em verso**, publicado em 1973. Para a autora, além do reconhecimento do instituto, três outros fatores contribuíram para a valorização do cordel na cena literária, editorial e cultural:

- a) a existência, já amadurecida, de uma poética cantada; b) a presença das máquinas tipográficas no Nordeste, responsáveis pelo impulso das condições concretas para o “estabelecimento de focos de produção de folhetos populares” (CARVALHO, 2005, p. 16); e c) a apropriação, por parte dos poetas cantadores – emergentes poetas de cordel –, dessas novas tecnologias de informação e comunicação (SANTOS, L., 2009, p. 26.)

No que tange ao perfil dos cordelistas pioneiros, Abreu (2006) os descreve como nativos do campo ou operários que embora se encontrassem alheios às oportunidades de estudo, desenvolveram a escrita pelo auxílio dos letrados próximos, mesmo que de forma coloquial e com a presença de equívocos na ortografia. Para Andrade (2017), um aspecto que conecta os poetas são as temáticas das narrativas. A pesquisadora elenca “a descrição de personagens, monólogos, súplicas, preces por parte do protagonista” (ANDRADE, 2017, p.14). Os elementos que constituem as histórias são os heróis, os amores e os inimigos, que desenvolvem algum tipo de barreira para o relacionamento dos protagonistas.

Este repertório, no entanto, na perspectiva de Santos, L. (2010) não é suficiente para traduzir a essência das narrativas cordelistas, uma vez que a experiência da migração permitiu a abordagem de novos assuntos. “O poeta não se limita apenas à lembrança de seu passado, mas mistura, funde os dois tempos e os dois espaços (SANTOS, L., 2010, p.81). Esta afirmação pode ser percebida na composição de Leandro Gomes de Barros, que compôs o cordel denominado **O retirante e o Sertanejo do Sul**.

Nós todos estamos a par
Das indigências do Norte
Quando o anno não é secco
O inverno é muito forte;
Vem sertanejo de cima
Arrenegando da sorte.

Vendo que morre de fome
Como morre qualquer bruto,
Vae ver se chueu no sul
Ou se também está enchuto;
Pergunta o senhor do engenho:
De onde vem este matuto? (BARROS *apud* SANTOS, L., 2010, p. 81)

Outros cordéis que abordam a migração nordestina são enumerados por Santos, L. (2010): **O poeta passeia por São Paulo num sábado à tarde**, de Aristides Theodoro; **Os martírios viajando para o sul**, de Cícero Vieira da Silva “Mocó”; **O flagelo do sertão**, de Delarme Monteiro; **Um pedaço do nordeste**, de Erotildes Miranda dos Santos; **O que faz o nordestino em São Paulo**, de João Antonio de Barros; **Zé Matuto no Rio de Janeiro**, de José João dos Santos; **O choro dos nordestinos no Rio**, de Manuel Camilo dos Santos; **O mostro de São Paulo**, de José Soares; **Os sofrimentos de um baiano no Estado de São**

Paulo, de Minelvino F. Silva; **Paulista virou tatu viajando pelo metrô**, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

Por meio dos títulos das obras mencionadas anteriormente é possível identificar as emoções dos migrantes. As mesmas foram traduzidas nas narrativas dos folhetos, como o estranhamento causado pelo choque cultural e a tristeza pela distância da terra natal. Ao compor os cordéis, o poeta compartilha suas angústias provocando no leitor e sujeito migrante a identificação. Ao se tratar de um leitor nativo da capital, é possível despertar o sentimento de compreensão do mesmo para com o nordestino.

4. O ciberespaço como uma alternativa de alteridade

Uma questão inicial a ser vislumbrada como solução de conflito entre os povos, segundo Saraiva (2008) seria a alteridade, isto é, a condição de reconhecimento do outro. “Outro é aquele que não se tematiza e que não posso conhecer” (SARAIVA, 2008, p.44). O outro é a marca da diferença, é não categorizá-lo ou hierarquizá-lo, mas acolhe-lo e escutá-lo sem julgamentos. Derrida (apud SARAIVA, 2008, p. 45) complementa: “o respeito ao Outro não busca tematizá-lo. Não é o respeito pela diferença (oposição, distinção, dessemelhança), mas uma contemplação da *différance*”.

Para Saraiva (2008) um ambiente contemporâneo que promove a reflexão sobre os princípios de alteridade e hospitalidade é o ciberespaço, uma vez que a Internet, mais que um recurso, passa a ser compreendida como um espaço de entrelaçamento das línguas e das culturas, exigindo do usuário a capacidade de tradução e compreensão de uma realidade heterogênea, resultando em uma nova cultura. A cibercultura é o termo empregado por Lévy (1999) para referenciar este cenário contemporâneo. Segundo o autor a chave para o futuro da cultura seria a universalidade sem totalidade, definindo o universal como “presença virtual da humanidade para si mesma” e totalidade como a “unidade estabilizada do sentido de uma diversidade” (LÉVY, 1999, p.247 e 248).

A partir do pensamento de Lévy, compreende-se que a cultura que se percebe hoje é aberta, fragmentada e mutável, transmitida menos pela hierarquização e mais pela formação de redes, o que possibilita o surgimento de subculturas dentro da cibercultura. Essas novas

representações nascem e se desintegram de modo tão veloz quanto à evolução da tecnologia. “Conectados ao universo, as comunidades virtuais constroem e dissolvem constantemente suas micrototalidades dinâmicas, emergentes, imersas, derivando entre as correntes turbilhonantes do novo dilúvio” (LÉVY, 1999, p.249).

Para Pereira e Gomes (2002, p.93), a questão da alteridade pode ser solucionada por meio da apreciação de obras transcendentais, como produtos artísticos, religiosos ou literários. Esses artefatos são capazes de aproximar o sujeito migrante do sujeito nativo, servindo como um instrumento de diluição de barreiras.

Ao focalizar o aspecto literário, observa-se diversos modos de se referir às produções textuais que vem sendo desenvolvidas com algum tipo de interferência tecnológica. Barbosa (1996) opta por empregar o termo ciberliteratura. O fenômeno se refere tanto aos impactos de criação quanto aos momentos de recepção de textos literários frente ao ciberespaço. Para Berganimiti (2010) a leitura eletrônica tende a ser mais eficiente, uma vez que, por meio dos links, é possível obter informações complementares a respeito de uma obra, sem sair da plataforma em que se encontra. “Essas referências [...] transportam o leitor para uma outra página, ou algo semelhante, que explicará a ele ao que aquilo se refere” (BERGANIMITI, 2010, p.85). Esta ação é definida por Levy (1999) como hipertextualidade. O tópico a seguir abordará a literatura de cordel enquanto objeto hipertextual.

5. A migração nordestina em território virtual por meio da literatura de cordel

A literatura, embora possa apresentar sentido conotativo, também se baseia no real, no cotidiano e no imaginário popular. Pereira e Gomes (2002) chamam a atenção para as narrativas que tratam de universos culturais próprios, pois eles são capazes de levar o leitor a compreender e aceitar uma realidade que não é sua por meio da empatia e da exotopia. Essas obras, de acordo com Pereira e Gomes

nos leva[m] a pensar sobre os discursos e os valores que os sujeitos empregam para delinear o seu estar-no-mundo, por exemplo, através da elaboração de parâmetros que delimitem as noções de familiar e estrangeiro, Eu e Outro nas relações intergrupais e interpessoais (PEREIRA; GOMES, 2002, p.94).

Deste modo, é válido pensar na apresentação das tradições ao indivíduo oposto como uma forma de aproximação entre sujeitos de culturas distintas, uma vez que o elemento da tradição remete às suas origens e, conseqüentemente, ao seu particular. Para Diniz (2007), além da sua relevância no contexto cultural e de ser vislumbrado como uma parte tangível da terra natal, o cordel funcionava, no século XX, como um canal de comunicação. Os nordestinos migrantes tinham pouco acesso aos meios audiovisuais como o rádio e a TV para a aquisição de informações e entretenimento, então utilizavam o cordel como uma ferramenta de conhecimento e distração nos momentos de lazer.

Ao longo das décadas, a literatura de cordel foi sendo aperfeiçoada. Conforme afirma Diniz (2007, p.02)

A poesia oral do cordel ganha cores e forma no uso predominante das sextilhas e do seu forte apelo aos temas sociais e da atualidade [...] O cordel ganha uma identidade própria na medida em que acontece sua difusão nas feiras e o processo de transmissão entre gerações são mantidos. Essa identidade é ainda mais reforçada quando nas últimas décadas as primeiras mulheres se debruçam sob a arte do folheto.

Os folhetos, entretanto, não se tornaram suficientes para transmitir as mensagens dos cordéis em tempos de globalização. De acordo com o poeta Costa Leite (apud DINIZ, 2007, p.02), “se antes as pessoas paravam para ouvir o poeta recitar/cantar nas feiras, hoje se faz necessário o uso de som, do microfone e da TV”. Ao acrescentar o advento da internet a esta lógica, as atenções dos sujeitos se dissipam ainda mais, uma vez que as redes virtuais oferecem incontáveis informações por segundo. É possível, desta forma, considerar o avanço das tecnologias de comunicação como um oponente da tradição, entretanto, a proposta aqui se baseia justamente no contrário, ou seja, utilizar o ciberespaço como uma vitrine de elementos culturais.

Ao pesquisar o termo “cordel” na ferramenta de busca Google, observa-se aproximadamente 8.230.000 resultados³, um número expressivo que demonstra o interesse dos usuários por este tipo de literatura. Há páginas inteiramente dedicadas aos cordéis, como o blog **Poesia e Cordel** e o site **Mundo Cordel**, que apresentam produções cordelistas de formas textuais e hipertextuais. A literatura de cordel também está presente nos *podcasts* e nas

³ Busca realizada em maio de 2020.

redes sociais. Plataformas como o Facebook se tornaram canais de disseminação de produções textuais e divulgação de eventos culturais e literários.

O poeta cearense Bráulio Bessa alcançou repercussão nacional desde 2012, quando se lançou nos espaços virtuais proclamando suas composições de cordel. A popularização de seus versos alcançou todo o país e Bessa foi convidado para o elenco fixo de um programa da Rede Globo de Televisão. A participação do cordelista ocorre semanalmente em um quadro próprio de proclamação de cordéis denominado **Poesia com Rapadura**, nome que deu título ao seu primeiro livro, lançado em 2017. De acordo com o portal G1(2017), a obra direciona “o leitor para um dos sentimentos mais preciosos do autor, a sua cumplicidade com a poesia nordestina, falando dos dramas dos dias atuais, como a violência e o preconceito, até temas caros ao cancionário sertanejo, como a fé e o amor”. No cordel **Orgulho de Ser**, presente no livro, Bessa se apresenta por meio das características típicas do nordestino. Exalta a riqueza de sua cultura e reafirma as lutas pela sobrevivência do seu povo que mesmo em meio às dificuldades não perdeu a vivacidade:

Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
Sou vida difícil e dura
Sou nordeste brasileiro
Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover
Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser
Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mais mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino
Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser (BESSA, 2017).

Os desdobramentos dos poemas de Bessa alcançaram a televisão, a literatura e as plataformas virtuais móveis, uma vez que os vídeos de proclamação desses cordéis são espontaneamente compartilhados nas ferramentas de bate-papo como o WhatsApp. Jenkins (2009) explica este fenômeno o denominando como efeito transmídia, isto é, uma consequência da convergência tecnológica, que, segundo o autor, é “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 29). A cena digital ainda permite a participação de leitores enquanto produtores de conteúdo e

possibilita o estreitamento das relações entre escritor e leitor por meio da interação em ambientes como as redes sociais.

Na cena contemporânea, portanto, o poeta de cordel possui diversos espaços para disseminar essa tradição e contribuir para que a mesma se popularize, assim, é possível preservar a memória nordestina e estreitar os laços com sujeitos pertencentes às outras culturas, não só do Brasil, mas do mundo. Se no passado o cordelista compunha sobre o processo de migração do Nordeste ao Sudeste do país, hoje busca traduzir por meio dos versos a trajetória dos folhetos de feiras para o ciberespaço. A afirmação pode ser percebida em **A peleja do Cordel de Feira com a Internet**, do cordelista Walter Medeiros, disponível em seu próprio site:

[...] Severino Rio Grande
Fazia muito cordel
Falava até de bordel
Assim a arte se expande
De soldado, coronel,
Matuto, arranha-céu,
Falava até de Gandhi [...]

[...] Pois aquele cordelista
Danou-se pra capital
Foi morar no areal
Ali bem perto da pista
Sua cidade natal
Soube um dia, afinal,
Que se tornou jornalista [...]

[...] Nem mesmo questionou
A nova moda lançada
E de forma enviesada
Seus cordéis lá colocou
Foi uma festa danada
A homepage lançada
Que ao mundo lhe levou

Pois agora na internet
O cordel vai mais distante
Basta somente um instante
E a história se repete
São Gonçalo do Amarante
Paris, Itu, num berrante
Todo mundo se derrete [...]

Os versos de Medeiros são capazes de reunir as memórias e as conquistas do sujeito nordestino migrante. Aborda a necessidade de se deslocar do interior para as grandes capitais embora a tradição local tenha permanecido enraizada por meio da produção textual de cordel. A essência nordestina permanece a mesma, entretanto, o sujeito se mostra consciente da realidade atual e prova que é capaz de se adaptar ao novo. Se no século XX a novidade pertencia aos costumes metropolitanos do Sudeste, no século XXI trata do fenômeno da internet. O que ocorre, portanto, é um entrelaçamento da tradição nordestina do cordel ao processo tecnológico atual, onde o poeta utiliza das plataformas digitais para proclamar suas vivências e promover sua cultura.

Embora o nordestino não seja um tema novo a ser explorado na literatura, a introdução de novas culturas e a constituição dessa nova identidade do sujeito contemporâneo afeta de forma relevante as manifestações artísticas e literárias. Para Santos, L.

essas novas imagens, (re) significantes de si, entraram em sua escrita, possibilitando-lhes novos temas ou lhes causando repulsa das novas influências. Haja vista que percebermos em alguns poetas um desejo de purismo no trato com as tradições e os costumes. No entanto, mesmo assim eles não deixam de se relacionar com os novos espaços em seus textos (SANTOS, L.2010, p.81).

Segundo Diniz (2007), o aumento das experiências do migrante nordestino ampliou seu repertório e o permite abordar um número elevado de temáticas atuais nos cordéis, como empoderamento feminino, política e segurança. De acordo com Bhaba, inserir vivências migratórias e extraterritoriais nas obras é um processo de “hibridismo cultural de suas condições fronteiriças” (BHABHA,1998, 26). Na visão de Diniz,

encontrar o cordel na internet, antes de qualquer coisa, é permitir o acesso irrestrito e vivo desse gênero literário. Não é possível prever se o folheto de papel chegará a um fim como não podemos ainda antecipar a morte ou não dos livros no formato tradicional. Outrossim, o cordel virtual não põe em jogo a natureza e tradição da prática do folhetim. Muito pelo contrário, o hipertexto revitaliza e confere uma importância ainda maior, criando um conceito mais complexo e ambíguo que é da cultura popular virtualizada (DINIZ, 2007, p.09).

A versatilidade dos temas desperta ainda mais o interesse de sujeitos de outras culturas pela literatura de cordel no ciberespaço e contribui na preservação da tradição. Oferecer

acesso aos conteúdos tradicionais por meio das novas plataformas significa compartilhar cultura, conhecimento e desenvolver a alteridade, uma vez que a cibercultura é reflexo de um conjunto de diferenças que ocupam um mesmo espaço. A adaptação ao novo e ao Outro constituem um processo de transformação que afeta não só os nordestinos, mas todos os indivíduos, pois como afirma Steiner (1990, p.174) “o que é imutável é a capacidade para mudança”.

Considerações finais

Há mais de cinquenta décadas, devido às variações sociais, econômicas e naturais, povos como os nordestinos se viram obrigados a abdicar de seus locais de origem em prol de uma vida estável. Poderia não ser o desejo inicial dessas pessoas, que muito provavelmente ansiavam plantar e colher no seio da sua terra. A contemporaneidade, entretanto, cercada pelo imprevisível impediu que os planos fossem concretizados exatamente como o esperado.

Foi devido à evolução dos meios de comunicação e dos transportes que novas alternativas em prol de uma melhor qualidade de vida passaram a existir. Estabelecer novas trajetórias tornou-se uma possibilidade viável, contudo, é desafiador se estabelecer em um novo território. Se deparar com diferenças culturais, linguísticas, artísticas e religiosas é inevitável, uma vez que todos os indivíduos possuem experiências individuais e distintas.

Os conflitos por conta das diferenças culturais ocorrem não só pela intolerância das tradições alheias, mas também porque quando um ser se depara com o outro, consegue mais claramente se perceber. Os indivíduos reconhecem a si próprios por meio da diferença do outro e é pela necessidade da autodescoberta que o estabelecimento de novas relações se torna essencial. O migrante nordestino ilustra muito bem essa questão. Enfrentou inúmeros obstáculos e, após décadas, consegue firmemente se valorizar e não só resguarda a poesia de cordel, objeto da sua cultura, como a apresenta aos outros povos mundo afora.

A migração das ferramentas arcaicas e analógicas para as digitais permitiram aos usuários a possibilidade de se reinventar, de agregar, de construir a sua identidade a partir da troca, da experiência da coletividade. Há diferentes formas de expressar a identidade nos tempos de globalização. O ciberespaço permite a expressão da verdade de cada um e é resultado da pluralidade dos povos. Desta forma, é imprescindível vislumbrar o ambiente

virtual como um local de construção das multiculturas e não um responsável pela dissolução das mesmas, uma vez que o hibridismo se torna inerente ao indivíduo na contemporaneidade.

Referências

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

ANDRADE, Adelia Amorim de. **Literatura de cordel (manuscrito): incentivo para formação de leitores**. 2017. 27 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BARBOSA, Pedro. **A ciberliteratura: criação literária e computador**. Lisboa: Cosmos, 1996.

BERGANIMI, Denise Lopes. **Da poesia inspirada à poesia eletrônica: um breve histórico sobre os caminhos da poesia**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan./jun. 2010.

BESSA, Bráulio. **Poesia com Rapadura**. Fortaleza: Cene, 2017.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível. Vol. I: Hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CABAÇO, José Luis; CHAVES, Rita de Cássia Natal. “Frantz Fanon: colonialismo, violência e identidade cultural”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Margens da Cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 67-86.

CENTRAL 3. **Hoje é dia de Cordel**. Podcast Ex Libris. Episódio 17. Disponível em: <<http://www.central3.com.br/ex-libris-017-hoje-e-dia-de-cordel/>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus Revista Digital**, v.1, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

DUARTE, Adriano Luiz. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Resenha. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, 2010. p.255-258.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. 2 ed. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945/1966). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1973. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

G1. **Poeta cearense Bráulio Bessa lança primeiro livro da carreira em Fortaleza**. Disponível em <<https://g1.globo.com/ceara/noticia/poeta-cearense-braulio-bessa-lanca-primeiro-livro-da-carreira-em-fortaleza.ghtml>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, Sueli de Castro. **Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo**: o comércio de retalhos. *Imaginário, INIME –LABI*, São Paulo, v.12, n.13, p. 143-169, dez. 2006.

GOOGLE. Disponível em <<https://www.google.com>>. Acesso em: 2 mai. 2020.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. *In: CAVALCANTI, Helenita; BURITY, Joanildo (Orgs.). Polifonia da miséria*. Uma construção de novos olhares. Recife: Editor Massangana, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MEDEIROS, Walter. Poemas de Cordel. **A peleja do Cordel de Feira com a Internet**. Disponível em: <<http://www.rnsites.com.br/cordeis-internet.htm>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

MUNDO CORDEL. Disponível em <<http://mundocordel.com>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

PEREIRA, Edimilson de A.; GOMES, Núbia Pereira de M. Os monstros somos nós. *In: Flor do não esquecimento*. Cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 91-114.

POESIA E CORDEL. Disponível em: <<https://poesiaecordel.wordpress.com/>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

PUCHEU, Alberto. Efeitos do contemporâneo. *In: Apoesia contemporânea*, Rio de Janeiro: Azougue Editorial/CAPES/ FAPERJ, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2007.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 35, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2010.

SARAIVA, Karla. A Babel eletrônica: hospitalidade e tradução no ciberespaço. *In: SKLIAR, Carlos (Org.). Derrida e a Educação*. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

SINGER, P. *Economia política da urbanização*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. Imagens do migrante nordestino em São Paulo. *Travessia: revista do migrante*. São Paulo, ano 4, n. 17, 1993, p. 10-20.

STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

ROCHA, Pedro de Freitas Damasceno da. **A constituição do sujeito literário em trânsito**. Darandina Revisteletrônica. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/09/Pedro-F-D-Rocha-A-constitui%C3%A7%C3%A3o-do-sujeito-liter%C3%A1rio-em-tr%C3%A2nsito.pdf>>. Acesso: 03 mar. 2020